

Livros

QUEM GOSTA DESTE MUNDO?

O Delfim, por José Cardoso Pires, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1968

FALAMOS, claro está, do mundo onde José Cardoso Pires habita há vinte e dois anos e oito livros. Ou, talvez mais rigorosamente, do mundo que habita em José Cardoso Pires. Bem sabemos que uma pergunta como esta poderia ser feita a qualquer escritor cujo mundo (habitante ou habitado) desagrade, por esta ou aquela razão, ao leitor ou ao crítico. Por este lado da questão nenhum escritor se salvaria, o que já estará mostrando quanto a pergunta tem o seu quê de académico. Mas, se concluída a leitura de *O Delfim* a interrogação se forma no espírito do leitor que somos, teremos nós o direito ou o dever de ignorá-la, apenas para não sermos suspeitos e acusados de perder tempo a discutir o sexo dos anjos, ou de lançar maquiavêlicamente sombras num quadro harmonioso e acabado?

Que *O Delfim* é um livro tecnicamente perfeito (enfim, quase perfeito, dado que a perfeição não é coisa humana...), eis uma declaração que vem sem esforço ao confessorário deste papel; que a linguagem de Cardoso Pires conserva e apura as qualidades de rigor, economia e disciplina que sempre a distinguiram (embora neste romance surda uma certa complacência na aceitação do acessório e in-significante), também não é ponto passível de discussão. Com estas generalidades se poderia fazer a crítica e passar ao senhor-que-se-segue, com geral satisfação e tranquilidade da consciência. Simplesmente, a «académica» pergunta que abre esta nota de leitura continua a retinir como uma campainha de alarme. Não há remédio senão tentar calá-la pelo único meio que sabemos: dar-lhe caminho que ajeite resposta.

O mundo de José Cardoso Pires, a «figura» que mais frequentemente se desenha nos seus livros, é, como toda a gente sabe, o marialvismo, essa forma

nacional da superioridade dita masculina, que neste torrão se exprime (ou exprimiu) por um convívio particular do aristocrata e do servo, do terratenente e do «terrático». Este convívio, esta relação, assenta numa visão elementar do mundo, na qual preponderam valores originariamente positivos (a camaradagem viril, a deliberada recusa de camuflagens mentais, o gosto de um certo desconforto espartano), mas que, tornados razões suficientes de comportamento geral, resvalam no nivelamento por baixo, na misogenia, no desprezo pela inteligência. O nosso século XIX (e também este) está cheio de turbulentas alianças de fidalgos, forçados e varredores de feiras, quando não de fidalgos-forçados-varredores de feiras. Júlio Dinis, aquele pacato e lírico cantor do ruralismo português (e o mais que ele foi também?) deixou-nos o Joãozinho das Perdizes, marialva por excelência...

Mas hoje, o marialva, por via de regra, tem um *Jaguar*. Bebe uísque abundantemente, entra em *rallies*, tem de VIP o bastante para aparecer com frequência na crónica mundana, procura e possui mulheres que no fundo despreza. Despreza também a cultura, mesmo quando tem quadros pelas paredes e dez metros de biblioteca. A sua escala de valores é, afinal, a do Joãozinho das Perdizes, mais uma camada de verniz cosmopolita e um perfume de cruzeiro idem. Aderiu à civilização do *play-boy* e vive sob a angústia de não ser bastantemente *play-boy*.

José Cardoso Pires tem vindo a fazer o processo desta personagem. Nada mais louvável. Mas nesse processo, que o autor de *O Delfim* decerto quereria encaminhar no sentido de uma condenação, intromete-se constantemente (pelo menos assim nos parece) uma certa tinta de simpatia, um odor de saudade dos bons tempos antigos, como se em Cardoso Pires lutassem, qual de baixo, qual de cima, a sua opção de

intelectual e a sua íntima natureza, numa complicada relação de amor-ódio, responsável pela ambiguidade patente na sua obra.

Este mundo marialva não está tão perto de acabar quanto se julga. E não é fenómeno particular desta terra, ao contrário do que se crê ou pretende fazer crer. O marialvismo requintou-se e tem passaporte. Não emigra nem imigra: circula, como o dinheiro. Que tem. Que multiplica. Que maneja. O verdadeiro processo do marialvismo (nacional ou não) está por fazer. E não é trabalho fácil, convenhamos. A fortaleza não abre assim as portas, só porque um escritor pede licença para entrar. E se o escritor força os portões, tem de ir com as armas todas: a observação fria e implacável, o sarcasmo corrosivo, a picareta — e uns poucos mas sólidos valores de humanidade. Excepto a simpatia.

E *O Delfim*? perguntará o leitor. *O Delfim*, respondemos nós, é um bom romance. Já ficou dito. Mas não abre brecha na muralha do marialvismo.